



INSTITUTO FEDERAL
Rondônia



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

PÓS-GRADUAÇÃO ENSINO, CIÊNCIA E MATEMÁTICA

CHICOEPAB SURUÍ DIAS

**EDUCAÇÃO INDÍGENA: PRÁTICAS TRADICIONAIS DA
ETNOMATEMÁTICA DOS PAITER SURUÍ, CACOAL-RONDÔNIA**

CACOAL

2018

CHICOEPAB SURUÍ DIAS

**EDUCAÇÃO INDÍGENA: PRÁTICAS TRADICIONAIS DA
ETNOMATEMÁTICA DOS PAITER SURUÍ, CACOAL-RONDÔNIA**

Artigo apresentado à Pós-Graduação Ensino, Ciência e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Ensino, Ciência e Matemática.

Orientador: Profº Drº. Sérgio Nunes de Jesus

CACOAL

2018

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Dias, Chicoepab Suruí

Educação indígena: práticas tradicionais da Etnomatemática dos Paiter Suruí, Cacoal -Rondônia / Chicoepab Suruí Dias, Cacoal-RO, 2018.

12 f. : il.

Orientador(a): Prof^o Dr^o. Sérgio Nunes de Jesus

Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação Lato Sensu em Ensino de Ciências e Matemática) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO, Cacoal-RO, 2018.

1. Etnomatemática 2. Paiter Suruí. 3. Métodos Avaliativos. I. Jesus, Sérgio Nunes de (orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Fernanda de Oliveira Freitas Cavalcante, CRB-11/762 (Campus Cacoal)

EDUCAÇÃO INDÍGENA: PRÁTICAS TRADICIONAIS DA ETNOMATEMÁTICA DOS PAITER SURUÍ, CACOAL- RONDÔNIA

Chicoepab Suruí Dias

IFRO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia/*Campus* Cacoal,
Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação
chsurui09@gmail.com

Sérgio Nunes de Jesus

IFRO – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia/*Campus* Cacoal,
Departamento de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação
sergio.nunes@ifro.edu.br

Resumo

O presente artigo trata dos saberes matemáticos dos Povo *Paiter Suruí*, no contexto das suas realidades e convivência do cotidiano, com objetivo de verificar como os mesmo assimilam as mudanças e constroem estratégias da continuidade do conhecimento etnomatemático a partir dos múltiplos processos de mudança que se realizam na Terra Indígena. Para tanto, fez-se um estudo bibliográfico, e análises dos trabalhos acadêmicos dos pesquisadores Paiter Suruí e do meu próprio conhecimento a partir do etnoconhecimento como membro da Aldeia Paiter, da linha 09. Os resultados da pesquisa foram, o entendimento da importância do conhecimento diversificado, a etnomatemática corresponde as diversas formas e variadas culturas de matemáticas. Assim entendemos que o conhecimento matemático dos Paiter Suruí que é uma da etnomatemática, com características próprias, deveria ser reconhecido, pelo Estado Brasileiro para componente curricular da Educação Escolar Indígena. Pois, o contato com a matemática do não indígena não deve substituir a tradicional, ambas devem caminhar juntas para que não haja a desvalorização das características de um povo.

Palavras-chave: Etnomatemática; Paiter Suruí; Interdisciplinaridade.

Abstract

This article deals with the mathematical knowledge of the Paiter Suruí people, in the context of their realities and everyday life, in order to verify how they assimilate the changes and construct strategies of the continuity of ethnomathematical knowledge based on the multiple processes of change that take place in the Indigenous Land. In order to do so, a bibliographical study and analyzes of the academic works of the researchers Paiter Suruí and of my own knowledge were made based on the ethno-cognition as a member of the Paiter Village, line 09. The results of the research were the understanding of the importance of diversified knowledge and that ethnomathematics correspond to the diverse forms and varied cultures of mathematics. This we understand that the mathematical knowledge of Paiter Suruí, which is one of the ethnomathematics, with its own characteristics, should be recognized by the Brazilian State for the curricular component of Indigenous School Education. As such, the contact with the mathematics of the non-indigenous should not replace the traditional one; both must go together so that there is no devaluation of the characteristics of either kind.

Keywords: Ethnomathematics; Paiter Suruí; Interdisciplinarity.

1 Introdução

Este texto é o processo da análise da interação etnomatemática dos *Paiter Suruí* a partir do surgimento de interculturalidade do povo. Assim, por meio desta pesquisa, buscou-se compreender e verificar como os *Paiter Suruí* assimilam as mudanças e constroem estratégias da continuidade da etnomatemática a partir dos múltiplos processos que se realizam na Terra Indígena Sete de Setembro diante dos conhecimentos advindos externamente, pós contato oficial com a sociedade não indígena.

Com uma série de problemas vividos pelos *Paiter Suruí*, como resultados do contato com a sociedade nacional, os *Paiter Suruí* veem a educação indígena¹ como uma das formas de gestão territorial e preservação cultural, diante do processo da interculturalidade. Podemos entender, o termo interculturalidade, de forma simples, “como meio de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas sem anular sua diversidade” (SECAD 3, 2007, p. 53).

Porém, nesse sentido, a educação escolar indígena é diferenciada – pois aprender a conhecer e levar conhecimento da realidade de duas culturas implica-se em estabelecer relações que necessitam ser inseridas numa dada realidade tradicional.

No seu trabalho de conclusão do curso de graduação (SURUÍ, Adriano P., 2015), o professor indígena relata que nas escolas indígenas os alunos apenas aprendem os sistemas de medida da sociedade não indígena, mas não é ensinado no modo tradicional dos *Paiter Suruí*, e muito menos a forma de explicação a partir das suas realidades (SURUÍ, 2015, p. 12). É necessário ensinar os alunos indígenas em ambos conhecimentos - do não indígena - e do conhecimento tradicional indígena. Cada sociedade desenvolve seus saberes matemáticos próprios na sua sobrevivência cotidiano e na natureza. Assim, por meio desse sentimento de inclusão, o indígena acaba reconhecendo os seus próprios valores e conhecimentos.

¹ É um processo de ensino-aprendizagem próprio e da identidade de um determinado povo, baseado na socialização e transmissão dos conhecimentos e saberes tradicionais (DIAS; SURUÍ, 2017, p. 47- 58).

A etnomatemática deve partir do princípio de que existem outros saberes e outras práticas para o aprendizado – seja ele específico ou coletivizado, pois é importante conhecer esses saberes “matemáticos não formais”.

Materiais e procedimentos metodológicos

Foram analisados materiais já produzidos e publicações (livros, artigos, teses, monografias) e os trabalhos de pesquisadores acadêmicos *Paiter Suruí* e os saberes dos pesquisadores (*in loco*) a partir da prática da etnomatemática dos Paiter Suruí.

A presente pesquisa apresenta debate sistemático e bibliográfico a partir do contato com os não-índios e suas consequências, como a interculturalidade de conhecimento. Descreve também as iniciativas tomadas para continuidade da etnomatemática a partir do processo de mudanças do modo tradicional, ou seja, os saberes e as práticas desenvolvidas para o melhor sistema no aprendizado.

2 Etnomatemática: a relação do Povo *Paiter Suruí* com conhecimento matemático

“Um dos efeitos da sociedade globalizada é uma forte tendência para eliminar diferenças, promovendo uma cultura planetária”, principalmente em afetar os sistemas educacionais, paulatinamente e eliminar os componentes culturais na definição desses.

Por outro lado, ativam-se mecanismos, muitas vezes inconscientes, de resistência, que buscam preservar e recuperar os traços identificadores de uma cultura, tais como as tradições, a culinária, os idiomas, manifestações artísticas em geral, e, desse modo, contribuir para a diversidade cultural, fator essencial para estimular a criatividade (D'AMBRÓSIO, 2005, p. 99).

Assim, a cultura é o fator importante para preservar os conhecimentos dos povos tradicionais, que seja, etnomatemática, etnobiologia e entre outros que assim possam contribuir aos saberes. Nesse contexto, a cultura é compreendida no sentido etnográfico segundo *Edward Tylor* apud (LARAIA, 2001, p. 25), como, "o complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer

outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". Logo, a etnomatemática se inclui no conhecimento que, por sua vez, é uma cultura embriada na heterogeneidade de cada povo independente da sua etnia.

2.1 Paiter, “nós mesmos” e o contato

Os Suruí do Estado de Rondônia se autodenomina Paiter, que significa “gente de verdade”, “nós mesmos” (MINDLIN, 1985, p. 13). Ultimamente o povo tem preferido a denominação de *Paiter Suruí* - unificando assim os dois nomes. Os *Paiter Suruí* falam uma língua do tronco *Tupi* e da família *Mondé*, e se organizam socialmente e, politicamente, em torno dos grupos exogâmicos patrilineares, atualmente, subdividindo-se em quatro clãs, que são: *Gameb*, *Gabgir*, *Makor* e *Kaban*.

A construção da BR 364, reduziu a terra do povo *Paiter Suruí* e a população, que foi atingida por muitas doenças desconhecidas trazidas pelos não-índios, como: tuberculose, gripe, sarampo e entre outros - causando assim a morte de muitos indígenas, pois não tinha tratamento pelos conhecimentos da medicina tradicional do povo. O território foi reduzido a aproximadamente cerca de 248.14,92 mil *hectares* (PLANO, 2009, p. 8), na Terra Indígena Sete de Setembro, como invasões de madeireiros e o arrendamento do território. Diante disso, houve diversas mudanças na vida e na cultura do povo; sendo alterados hábitos tradicionais como a coleta, a caça, a pesca, a alimentação tradicional e, principalmente, na forma sistematizada da educação indígena com o ‘homem branco’. Porém, até o momento, os *PaiterSuruí* mantem a língua, os conhecimentos, a produção de artesanatos e outros objetos da cultura material como suportes da manutenção desses saberes.

Assim, o povo tem buscado dialogar a partir de práticas externas como forma de fazer frente às mudanças, criando escola intercultural – essa sendo, mesmo que excludente em alguns aspectos, torna-se, de certa maneira, um espaço de intercâmbio de etnoconhecimento, tais como etnobiologia, etnomatemática entre outras práticas que contribuirão expressivamente dentro de cada cultura.

Atualmente, a população é de aproximadamente cerca de 1.286 pessoas (DIAS; SURUÍ, 2017, p. 47), distribuídas em 27 aldeias (figura 1).

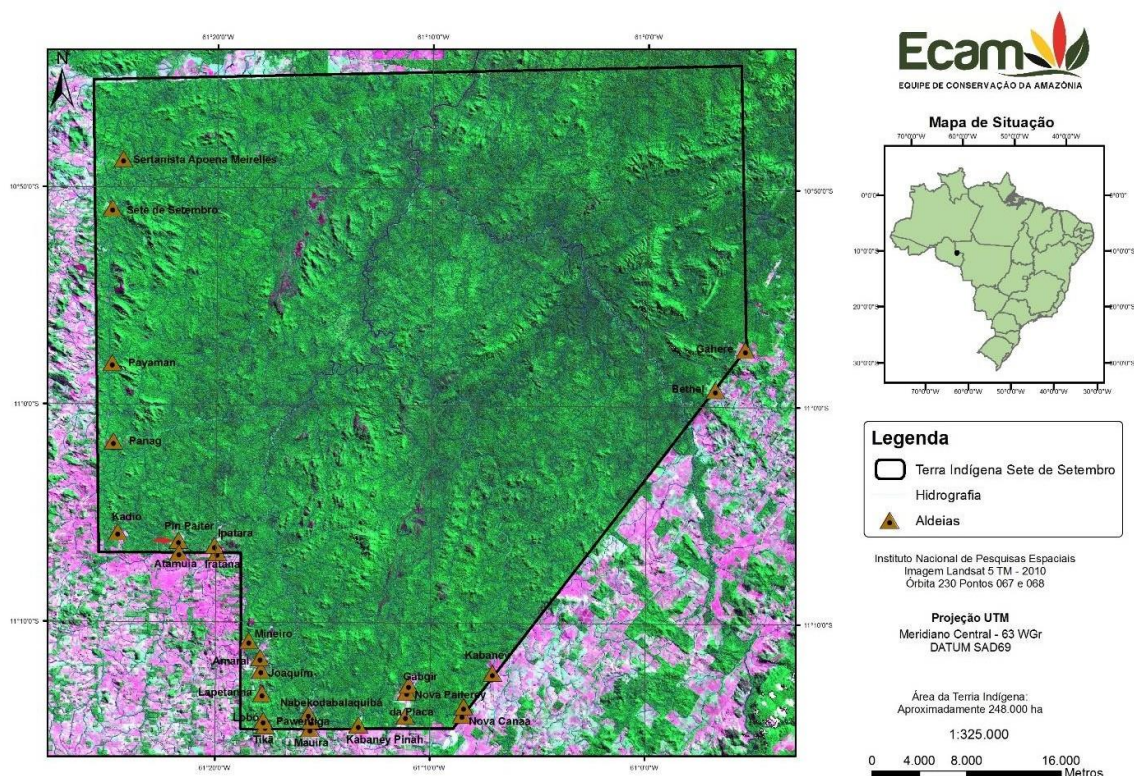


Figura 1. Localização das Aldeias na Terra Indígena Sete de Setembro.
Fonte: ECAM, 2010.

O contato oficial dos Paiter Suruí com a sociedade nacional ocorreu no ano de 1969, foi como consequência de migração interna populacional de outras regiões do Brasil para a Amazônia, incentivados pelo próprio governo federal com lema “Integrar para não Entregar”.

A escolha do envolvimento dos *Paiter Suruí* com a cultura externa entende-se como uma forma de sobrevivência, até por que o processo de colonização na região avançava em toda parte da região no seu território. Assim, foi “forçada” a aproximação com as culturas diferentes da sua, dos não indígenas e outros povos indígenas.

Na maioria dos contatos com povos indígenas com a sociedade brasileira foi o resultado de um socorro pela medicina da sociedade nacional, pois a mesma forma aconteceu com o povo *Paiter Suruí* além da aproximação da colonização (SCANDIUZZI, 2009, p. 31).

Mesmo diante desse processo de povoamento e exploração do território, em algumas partes da terra indígena, os *Paiter Suruí*, procuram manter a vitalidade de suas tradições culturais, como tem feito parte a população da Aldeia Paiter, na Linha 09 (Figura 1), por meio do Centro Cultural, criando assim um ambiente de trocas de ideias, experiências, festas ritualísticas e repasse de informações dos conhecimentos tradicionais dos mais velhos para os mais jovens.

2.2 Importância do conhecimento tradicional

Durante a História das Ciências houve uma total desvalorização das culturas e das produções não ocidentais, a ciência que equivale o conhecimento do ocidente é a única verdade aceitável. Dessa maneira, toda e qualquer produção não eurocentrista, pode no máximo, estar num processo de evolução para o *status* de Ciência.

De acordo com D'Ambrósio (2011, p. 16), “não há, porém, uma só matemática; há muitas matemáticas”. Ainda nessa perspectiva, entendemos que, os *Paiter Suruí* têm sua forma tradicional de contagem dentro da comunidade e no dia-a-dia. Por exemplo, na roça, antes deles plantarem seus produtos, fazem a seleção e fazem o plantio e podem realizar a contagem de sementes, grãos entre outros.

A matemática está presente na construção de casa em maloca, porque medem-se o espaçamento pela quantidade da família que vai morar naquela casa, como também medem a altura e o comprimento das vigas e também precisa saber a quantidade de palha de palmeira que será utilizada para cobrir a maloca.

Diferentemente do que sugere o nome, Etnomatemática não é o estudo apenas de matemáticas das diversas etnias. Mais do que isso, é o estudo das várias maneiras, técnicas, habilidades (technés ou ticas) de explicar, entender, lidar e conviver (matema) nos distintos contextos naturais e socioeconômicos, espacial e temporariamente diferenciados, da realidade (etno). A disciplina identificada como matemática é na verdade uma etnomatemática (POLEGGATI; MATTOS, 2012, *apud* D'AMBRÓSIO, 2009, p. 125).

A partir desse entendimento da importância do conhecimento diversificado, a etnomatemática corresponde apenas formas de variadas culturas de matemáticas, ou seja, existem muitas formas de conhecimentos, pois, nenhuma cultura pode ser

considerada inferior à outra, mas deve ser entendida e comparada igual a qualquer conhecimento.

Muitas vezes acontecem que, falar de metamática (conhecimento ocidental) aos grupos indígenas ou tradicionais, pode ser considerado como um equívoco, pois esse princípio pode descaracterizar o contexto indigenista que possui características próprias da sua cultura.

Assim concordamos que o conhecimento matemático dos *Paiter Suruí* que é uma das etnomatemáticas deveria ser reconhecido, independente da educação da etnia, principalmente para o componente curricular da Educação Escolar Indígena.

Pois, segundo Pedro Paulo Scanduzzi (2009),

a educação elaborada pelos próprios indígenas, sem intervenção dos brancos, o que faz sabiamente, uma vez que dificilmente poderíamos compreendê-la, pois vem permeada de mitos e ritos, além de ser uma educação que dá certo, isto é, uma educação que deixa as futuras gerações hospitaleiras, que continuam com o dom da reciprocidade, uma educação que os torna cidadãos do mundo ao qual eles pertencem – tudo isso sem pensar que eles sejam “bons selvagens” (SCANDIUZZI, 2009).

Na educação indígena não se produz o indivíduo apenas para adquirir o conhecimento, mas sim um indivíduo com as características de hospitaleiro, amor recíproco e humano. No entanto, sem a inserção da educação indígena, simplesmente, a educação escolar indígena² se torna um espaço de segundo contato entre os povos indígenas e a sociedade não indígena.

Logo, a educação matemática, principalmente na etnomatemática é aceitar as diferentes realidades culturais e conhecimentos de grupos diversos e assim reconhecer a produção educacional que pode ser produzida por povos tradicionais e suas gerações. Pois, é necessário construir currículo pedagógico da educação escolar indígena, considerando que os povos indígenas têm saber matemático próprio. Afinal, a etnomatemática se faz transparecer nas artes, nas pinturas corporais, nas confecções de artesanato e nas músicas apresentadas nos rituais espirituais, nos mitos e nas formas de contar e aferir os objetos no cotidiano (MATTOS; NETO, 2014, p. 2).

² É toda a estrutura e espaço intercultural de aprendizagem formal transmitida pelo Estado-Nação, tendo como centralidade a escola (DIAS; SURUÍ, 2017, p. 47-58).

Dessa forma, não só fortalece e preserva o conhecimento, como também a cultura e a identidade cultural do povo. Por que, sem esses elementos não há reconhecimento e a existência do povo. Sendo assim, a identidade é entendida na concepção sociológica, os valores, sentidos e símbolos, a partir da interação entre o indivíduo e a cultura da sociedade em que vive (HALL, 2006, p. 11).

Outrossim, é válido afirmar que, tais valores se manifestam constantemente a partir da vivência tradicional em que cada povo preestabelece por meio de suas necessidades básicas.

2.3 Etnomatemática na prática do dia-a-dia

Cada sociedade tem sua forma de conhecimento matemático, assim os *PaiterSuruí*, também tem sua forma tradicional numérico. Como professor indígena demonstra no seu trabalho de conclusão do curso (SURUÍ, 2015):

Esses são alguns números do povo Paiter: o número 1 (um) se chama na língua materna “mûy”, que significa um; o número 2 (dois) se chama “xakalahr”, quer dizer um par; 3 (três) se chama “xakalahr amakab om”, que quer dizer um par e meio; 4 (quatro) se chama “xakalar itxehr”, que quer dizer dois pares iguais; 5 (cinco) se chama “mûy pabe”, que quer dizer uma mão inteira. E assim sucessivamente os números vão até 20 (vinte). As mulheres também usam a contagem tradicional quando fazem artesanatos como anéis, colares, pulseiras, redes, tira-colo (serve para carregar criança), e outros. Em tudo isso se usa a forma de contagem Paiter (p. 29).

Esse trecho reafirma apenas o que já foram percebidos pelos especialistas matemáticos, como por exemplo, Ubiratan D’Ambrósio. Assim, pode-se entender que, essas são formas de contagem próprio, e não uma tradução de linguagem. O *Povo Paiter Suruí* utiliza conhecimento matemático no seu cotidiano com o meio queo cerca, busca tornar a matemática mais humanizada e convívida.

Percebe-se também como é utilizada conhecimento matemático para ilustrar conceito e expressão. Estarão em negrito os nomes dos numéricos nas frases, conforme contagem da citação anterior, a seguir (SURUÍ, 2015, p. 32):

Paiter Suruí	Português	Exemplo
<i>Mûy</i>	Um	<i>Mûy aka oje mebekod nã garah koy.</i> Matei um catete no mato.
<i>Xakalar</i>	Dois	<i>Ano waotih ey akalar sade e sade aweikin ewateh.</i> Aqueles dois carros são iguais.
<i>Xakalar amakab om</i>	Três	<i>Xakalar amakab om paiterey je kah yara kalahb koy e.</i> Três pessoas foram para cidade.
<i>Xakalar itxer</i>	Quatro	<i>Xakalar itxerey moribey sade piga oje e.</i> Eu pesquei quatro peixes.
<i>Mûy pabe</i>	Cinco	<i>Mûy pabe kad lah ka ter lade aye iwe epika egay e.</i> Pagarei você no dia cinco .

Tabela 1: Formas de contagem do Povo Suruí.

Fonte: SURUÍ, 2015, p. 32.

O povo *Paiter Suruí* também tem seu conhecimento de geometria, que pode ser encontrado de várias formas, nas pinturas (figura 2), nos artesanatos (figura 3) e outros objetos.

Por exemplo, alguns artesanatos têm formas geométricas específicas, comobalaios, esteiras, colares, pulseiras e outros, assim como também existem formas específicas para se construir cada um desses objetos. A pintura tradicional do povo Paiter também tem formas geométricas específicas, como a pintura de Iamá na festa do Mapimaí, e outros tipos de pintura tradicional Paiter (SURUÍ, p. 29).



Figura 2. Formas geométricas da pintura de banco tradicional (*lamá*).

Fonte: TCC, (SURUÍ, Adriano P., 2015, p. 30).



Figura 3. Forma geométrica circular do coquinho de tucumã.
Fonte: TCC, (SURUÍ, Adriano P., 2015, p. 30).

A outra forma de aplicação de etnomatemática no cotidiano dos *Paiter Suruí* que podemos perceber no calendário. Por exemplo, o calendário agrícola. A safra varia muito com as estações. Na época da “*chuva o cará ainda está miúdo. Em abril/maio já amadureceu e dura até setembro, época de plantio*”. O grande mantimento do povo, durante a nova derrubada é a produção do cará, que dura no período de julho a agosto de cada ano.

No geral o trabalho agrícola na época da chuva é sempre menor, pois não há espaço na roça depois do plantio, assim sobra mais tempo para caçadas (MINDLIN, 1985, p. 41-2). Pois, conforme D’Ambrósio (2011, p. 21), “a construção de calendários, isto é, a contagem e registro do tempo são um exemplo de etnomatemática”. Como o calendário está totalmente ligado com as mudanças da natureza, também traz a questão de respeito com a preservação da natureza. Esses conhecimentos são repassados de geração a geração entre os *Paiter Suruí*.

É possível compreender que os conhecimentos não tem nem uma diferença em praticas e conteúdos, mas apenas na maneira como ensina, ou seja, os metodosde ensino.

Por outro lado, os *Paiter Suruí*, quando saí da sua realidade da aldeia, necessitam de utilizar o conhecimento externo, até como uma forma de

sobrevivência e compreensão ao seu redor. Para isso, utilizam conhecimento matemático formal e entre outras necessidades inseridas no seu cotidiano.

Essas novas necessidades podem fazer o indígena deixar de ser o que ele é? Então, quando é que um índio deixa de ser índio? Quando ele não está mais vestido de índio? Entendemos que, enquanto ele encarar a realidade como índio, ele é índio! Quando ele perde essa visão de mundo, aí ele não é mais índio. Ele pode até estar pintado de jenipapo e urucum. Ele tem que manter o olhar indígena. Pra que se preserve a identidade é preciso que sua ‘alma’ esteja preservada. Usando sandália e calça jeans, andar descalço isso não é mais importante.

3 Considerações

Os resultados contribuirão para reconhecimento da importância dos conhecimentos de etnomatemática, principalmente saberes matemáticos tradicionais dos povos indígenas. A partir da etnomatemática do povo *Paiter Suruí* que cada sociedade se expressa de forma diferente os conhecimentos de um ao outro. Mas com o envolvimento na sociedade não indígena, os povos indígenas necessitam de conhecimento dos dois mundos: dos indígenas e do não indígena; sendo assim, fortalece a cultura que é a maneira de sobrevivência de um povo.

Atualmente é quase impossível viver sem a interferência do conhecimento dos não indígenas na educação escolar, pois no processo de globalização, os meios de comunicação tornam-se apenas em único meio para esse processo da interculturalidade.

Os conhecimentos dos povos indígenas, especificamente, dos *Paiter Suruí*, precisam ser vistos com olhar de respeito como qualquer outro saber, pois entendemos que existem preconceitos. Porém, a construção do saber não se procede apenas na academia, muito antes da sua existência, temos os saberes tradicionais, cujos os valores são incomensuráveis, que também garantem a sobrevivência de um determinado povo de geração para geração.

4 Referências

- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- _____. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, jan./abr. 2005.
- DIAS, Chicoepab Suruí; SURUÍ, Nauama Dias. Educação escolar indígena: um novo modelo de educação para o povo *Paiter Suruí*. In: **Povos e comunidades tradicionais: perspectivas além da epistemologia**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2017, v. 1, p. 47-58.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MATTOS, José Roberto Linhares de; NETO, Antonio Ferreira. Cultura: alicerce para ensinar e aprender. In: Encontro Nacional de Professores de Matemática, 30., 2014, Braga. **Atas eletrônico...** Braga: APM, 2014. Disponível em: http://www.apm.pt/files/_04_b_artigo_profmat2014_Mattos_533713c99cc70.pdf. Acesso em: 29 jun. 2017.
- MINDLIN, Betty. **Nós Paiter: os Suruí de Rondônia**. Editora Vozes, Petrópolis, 1985.
- PLANO de Gestão Etnoambiental da Terra Indígena Sete de Setembro. Kanindé, Metareilá. Julho, 2009.
- POLEGGATI, Geraldo Aparecido; MATTOS, José Roberto Linhares de. Educação escolar indígena: a educação matemática por meio de um currículo etnomatemático. VI Colóquio Internacional “**Educação e Contemporaneidade**”. São Cristóvão- SE/Brasil, setembro de 2012.
- SCANDIUZZI, Pedro Paulo. **Educação indígena x educação escolar indígena: uma relação etnocida em uma pesquisa etnomatemática**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- SECAD 3. **Educação escolar indígena: diversidade sociocultural indígena resignificando a escola**. Cadernos SECAD/MEC 3. Brasília/DF, 2007.
- SURUÍ, Adriano P. **Saberes matemáticos do Povo Paiter Suruí**. 2015. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Educação Básica Intercultural, Universidade Federal de Rondônia, Ji-Paraná, 2015.
- SURUÍ, Mopidaor. **Marcadores de tempo do Povo Paiter: subsídios para o ensino diferenciado de Matemática na escola da aldeia**. 2015. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Educação Básica Intercultural, Universidade Federal de Rondônia, Ji-Paraná, 2015.